

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA A PARTIR DO RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CUIDADOR: POSSIBILIDADES E AUTONOMIA. ¹

Emanuel Pereira Martins²
Geranilde Costa e Silva³

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2007)

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir sobre a Educação Especial Inclusiva considerando as nossas experiências vivenciadas na condição de cuidador de uma estudante da educação infantil com o laudo clínico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em uma escola pública de Baturité (CE), e suas repercussões na nossa formação enquanto estudante do curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), campus Ceará. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com análise documental, revisão de literatura acerca da Educação Especial Inclusiva. Também foram utilizadas como material de análises as nossas experiências realizadas/vivenciadas bem com relatos presentes no caderno de campo. Dos resultados, inicialmente, apresentamos a importância dos estudos realizados no curso de pedagogia da Unilab que nos possibilitaram conhecimento sobre a Educação Especial Inclusiva, os estudos sobre a Autobiografia dentre outras temática que contribuições junto ao exercício da docência, como por exemplo: direitos humanos, políticas públicas, didática e educação especial inclusiva, dentre outras temáticas. E por fim, o entendimento, a partir da nossa formação em Pedagogia e a da experiência na escola, sobre a relevância da reflexão sobre a prática docente enquanto futuro pedagogo, a relevância do diagnóstico/laudo médico e intervenção precoce junto ao/as estudantes com TEA, de modo a estimular esse/as discentes a interagir com/na vida escolar.

Palavras-chave: Educação Especial Inclusiva. Educação Infantil. Escola.

1 Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título Licenciado em Pedagogia. Orientadora: Dr.^a Geranilde Costa e Silva.

2 Aluno do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. E-mail – emanuel.pereira274@gmail.com.

3 Orientadora : Prof^ª Dra. Geranilde Costa e Silva.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss Inclusive Special Education considering our experiences as a caregiver of a kindergarten student with a clinical report of Autism Spectrum Disorder (ASD) in a public school in Baturité (CE), and its repercussions on our training as a student of the Pedagogy course at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (UNILAB), Ceará campus. Qualitative research was carried out, with documentary analysis and literature review on Inclusive Special Education. Our experiences carried out/experienced as well as reports present in the field notebook were also used as analysis material. From the results, initially, we present the importance of the studies carried out in the Unilab pedagogy course that gave us knowledge about Inclusive Special Education, studies on Autobiography among other themes that contribute to the exercise of teaching, such as: human rights, public policies, didactics and inclusive special education, among other topics. And finally, the understanding, based on our training in Pedagogy and our experience at school, about the relevance of reflecting on teaching practice as a future pedagogue, the relevance of diagnosis/medical report and early intervention with students with ASD, in order to encourage these students to interact with/in school life.

Keywords: Inclusive Special Education. Child education. School.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas de minhas experiências vivenciadas na condição de cuidador de uma estudante¹ da educação infantil com laudo clínico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em uma escola pública de Baturité (CE). De modo que fui motivado a pesquisar sobre as contribuições desta experiência educacional sobre o nosso processo formativo enquanto estudante do curso de Pedagogia, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), no Ceará. Usamos aqui o termo cuidador, como é popularmente conhecido, mas nomeado de acompanhante, segundo a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência, através do parecer nº 13.146 de 6 de julho de 2015, que traz no seu art 3, diz: “XIV – acompanhante: aquele que acompanha a pessoa com deficiência, podendo ou não desempenhar as funções de atendente pessoal.” (BRASIL, 2015)

Desta forma, o enfoque deste trabalho/estudo está em narrar e analisar as experiências de trabalhar cotidianamente como cuidador de uma aluna do infantil III, com laudo de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Assim sendo, tenho a compreensão de que “a pesquisa narrativa vem sendo mobilizada como possibilidade teórico-metodológica de construção de processos de formação de professores.” (PEREIRA, SILVA E HOBOLD, 2021, p. 3).

De início apresento através da minha experiência enquanto cuidador/estudante de pedagogia como foi possível chegar a compreensão de que todos somos e podemos vir a ser agentes da inclusão, dentro ou fora do espaço escolar e que a escola encontra-se pondo em prática seu ideal democrático acerca da educação inclusiva, o que se faz com a mudança atitudinal de cada indivíduo, além da importância de parcerias com a família, escola e etc.

O método se baseia na vivência pessoal, e compartilhada, focado nas narrativas que nos cercam, e todo o potencial que podemos extrair delas. Associando a tudo isso com os registros no

caderno de campo, e como isso reverbera no nosso fazer pedagógico para superação das demandas cotidianas. Realizamos também uma pesquisa bibliográfica, onde me debrucei nas leituras de documentos, artigos, acordos que regem a educação especial inclusiva, no Brasil e no mundo.

Construímos também uma contextualização sobre os caminhos da educação especial inclusiva no Brasil, focado na legislação específica pensada para a educação, para compreendermos como a escola se encontra ou deveria se encontrar, em paralelo a uma breve reflexão sobre o período pandêmico e o que reverberou na forma de se fazer presente na escola.

Deste modo chegamos a experiência crua, onde elenquei alguns relatos/registros do caderno de campo que traz de forma sensível e comentada nosso cotidiano partilhado, sua interação com os outros

¹ Aqui nomeada de Estrela, portanto, nome fictício.

sujeitos que compõem a comunidade escolar e como superamos estigmas/estereótipos. E logo após o relato encontram-se as conclusões que se mostram *inconclusas*, pois, assim como o processo de inclusão talvez nunca chegue ao fim, pois acompanha as demandas surgidas na vida em sociedade, ela também não se esgota em uma única experiência que carrega em si tamanha potência.

2 JUSTIFICATIVA

Como um despertar, foi possível perceber que, como cidadão, era nosso papel ser um agente da inclusão, independente de estar dentro ou fora da escola. No cotidiano escolar em especial, me deparei com a reflexão inicial de que estar dentro da escola não queria dizer estar sendo atendido por ela.

Diversas situações vivenciadas no dia-a-dia nos fizeram perceber e adotar para o nosso fazer pedagógico, um ideal democrático de educação inclusiva seguido pela mudança de atitude individual. Assim, a experiência como cuidador me atravessa e construiu possibilidades outras de se pensar a educação inclusiva, evocando em mim algo que reverberou, como nos traz Larrosa (2015):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (Larossa, 2015, p. 16).

Portanto, esse ‘toque’ é fruto da inquietação de nos reconhecermos enquanto um sujeito incompreendido, e em conseguir observar fugas das realidades (in)possíveis de mudanças, reverberando durante todo o ano letivo e são abordados aqui nessa apresentação como uma forma de se repensar qual nosso papel enquanto comunidade, cidadãos e qual o papel da escola neste processo.

Foi aí que percebemos que a educação especial inclusiva, não se faz de forma isolada e/ou sozinho. E dentro deste contexto deparamo-nos com um senso comum permeado de imaginários que transformam patologias ou transtornos da aprendizagem em vilões dentro da escola. No entanto, é evidente o avanço quando se fala em educação especial inclusiva no Brasil. Mas ainda se refere, aparentemente, enquanto uma luta secundária e destinada a “heróis” e “heroínas” que tentam garantir a efetivação do direito ao acesso e a permanência de todos na escola:

Os espaços educacionais não conseguirão se manter por muito tempo como lugares da discriminação, do esquecimento, que é o ponto final dos que seguem a proposta da eliminação das ambivalências, das incertezas, do indefinido e incontável poder das diferenças, que afronta o projeto escolar calcado na Modernidade. Por outro lado, os alunos jamais deverão

ser desvalorizados e inferiorizados pelas suas diferenças, nesses espaços. (Mantoan, 2007, p. 323, 324)

Infelizmente, ainda hoje, no meio escolar, receber um laudo clínico indicando deficiência é carregar rótulos que se apresentam antes do próprio indivíduo se apresentar à escola, e assim, muitas vezes, dependendo da severidade, reduz o estudante a apenas sua condição.

3 METODOLOGIA

O método utilizado no trabalho se baseou nas experiências em campo, como cuidador. Dessa forma justifico a escolha por esta metodologia que está no “fato de residir em sua configuração a experiência, contida na potência dos depoimentos produzidos pela narrativa dos participantes sobre suas histórias de vida.” (Pereira, Silva e Hoboldi, 2021, p. 3). E assim decidi, desde o primeiro dia de atuação como cuidador narrar esta minha experiência em um Caderno de Campo, registrando diariamente, a minha experiência singular e coletiva, dividida com outros sujeitos do quadro de funcionários me permitiu uma visão ampla sobre a temática das práticas inclusivas dentro da escola, portanto, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (Larossa 2015, p. 11)

Por outro lado, a escrita e/ou narrativa do nosso cotidiano como cuidador "possibilita analisar a prática pedagógica, visto que instaura um rememorar sobre o cotidiano em sala de aula, aprimorando aspectos relacionais e didáticos vinculados ao trabalho docente". (Sousa e Cordeiro, 2007, p. 47).

Seguindo o pensamento de Larrosa sobre experiência, que dia-a-dia passa como se fosse automático, porém, as práticas de pausa e reflexão e a entrega integral ao nosso ofício enquanto cuidador depois da consciência de que somos sujeitos responsáveis pela inclusão começou a dar mais sentido às relações de troca com o outro.

Durante o período de 2022 a 2023, estive submerso cotidianamente nas questões da educação especial inclusiva, dentro da escola, o que me chamou a atenção para a luta dos Movimentos Sociais em prol da Educação Especial Inclusiva, compreendendo e reconhecendo todos os seres humanos como sujeitos de direitos e deveres.

Este trabalho traz uma reflexão profunda sobre os encontros que nos atravessam cotidianamente, permitindo refletir a situação em que encontramos e o projeto de vida que queremos para o coletivo. O que nos permitiu buscar mais informações sobre a questão do acesso e permanência de qualidade e vislumbrar uma escola verdadeiramente inclusiva, com qualidade e dignidade para todas as suas partes que compõem a escola pública.

4 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA

A modalidade de educação especial diz respeito a uma escola inclusiva. E construir uma educação especial inclusiva vai além de termos na escola estudantes que apresentam deficiência físicas e/ou transtornos de aprendizagem ou superdotados. Quanto mais aprendemos a identificar as diferenças entre educação especial e inclusões surgem mais questionamentos como, qual o papel social da escola? A educação é para todos ou para alguns? Quem merece ou pode estar na escola? Com tantas leis, por que alguns corpos continuam marcados dentro da escola pública?

Os percursos da educação especial inclusiva acompanharam os diferentes tipos de classificação e transformações que permeiam as descobertas científicas do que é ser ou não uma pessoa deficiente e foi possível perceber que algumas deficiências não afetam ao aprendizado, portanto:

O atual sistema de classificação, por deficiência ou por tipo de dificuldade, deve ser abolido. Não basta colocar o rótulo nas crianças ou criar escolas para “crianças cegas” ou “crianças surdas”. Não se pode partir do pressuposto de que todas as crianças com a mesma deficiência têm as mesmas necessidades e a mesma personalidade. Isto não é verdade, pois uma pode ser de causa congênita e outra não, uma pode ter multideficiências, outra não; uma pode apresentar dificuldades de aprendizagem secundária, a outra não, etc.” (Fonseca, 1995, p 28)

A deficiência é definida pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) (2015):

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará:

- I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;
- II - os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;
- III - a limitação no desempenho de atividades; e
- IV - a restrição de participação. (Brasil, 2015)

Na mesma medida que se avança o pensamento acerca das deficiências e dos estudos sobre o funcionamento do cérebro, percebe-se a influência do meio e de mecanismos internos que contribuem para o pleno desenvolvimento e como isso molda nossa personalidade. Desta forma, uma criança com TEA em grau severo, geralmente, vive reclusa em casa, e irá se comportar de acordo com sua realidade, agora uma criança com TEA que passeia, interage e terá um comportamento também condizente a sua realidade, sendo, portanto, o isolamento uma barreira para o processo de aprendizagem e de socialização, pois:

Sabemos que muitos obstáculos terão de ser superados se nos propusermos a por fim ao incrível isolamento com que muito especialista têm trabalhado no passado, nestes domínios. Médicos, psicólogos, sociólogos, educadores, terapeutas, investigadores, administrativos, etc. terão de desenvolver esforços, no futuro, com a finalidade de materializar e implementar

uma ampla e dinâmica interdisciplinaridade, não só para compreender a diversidade e a variedade humanas como também para educar, reabilitar e integrar todos os que apresentem, ou revelem, necessidades diferentes. ” (Fonseca, 1995, p. 67)

Todo esse conjunto de especialistas constroem materiais que orientam o trabalho educacional na escola, por meio das salas multifuncionais onde se encontram os agentes responsáveis pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE), além de contemplar também a inserção de um apoio especializado dentro da sala e da escola, avanços garantidos pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da pessoa com deficiência, através do Parecer nº 13.146 de 6 de julho de 2015, que traz no seu art 3:

XII – atendente pessoal: pessoa, membro ou não da família, que, com ou sem remuneração, assiste ou presta cuidados básicos e essenciais à pessoa com deficiência no exercício de suas atividades diárias, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas; XIII – profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas; XIV – acompanhante: aquele que acompanha a pessoa com deficiência, podendo ou não desempenhar as funções de atendente pessoal. (Brasil, 2015)

A citação anterior traz um pouco do que é sermos cuidadores dentro da escola, principalmente, mas não somente a escola pública, deve acolher e manter toda a população estudantil na escola sem discriminação por especificidade, além de garantir, por meio do governo, materiais tecnológicos ou de tecnologia assertiva que garantam a permanência dentro das salas regulares, afinal o intuito é a convivência com as diferentes formas de expressão humana.

Importante ressaltar que a Educação Especial já está presente como modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, em seu artigo V que define a educação especial:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. § 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (Idem, 1996)

Preferencialmente, o atendimento se faz nas escolas regulares do ensino público. Portanto, segregar, não faz parte do projeto político para uma educação inclusiva, que elenca em diversas esferas legislativas e inclui vários acordos internacionais para a promoção de um ambiente escolar que atenda a todos, abaixo podemos observar de forma semiótica os conceitos que vieram posteriormente antes da ideia de inclusão:

IMAGEM 1 - ESQUEMA SOBRE CONCEITOS HISTÓRICOS -



Fonte: Cadeira voadora²

Como podemos ver no modelo acima a inclusão só ocorre quando todos estão no mesmo círculo, ou na mesma sala regular, porém, existem inúmeros casos que ainda necessitam de outros meios para se alcançar a inclusão mas a segregação, exclusão e integração não podem acontecer no espaço escolar, e assim, quando identificadas e refletidas precisam ser pensadas formas de abordagem para reverter qualquer método ou atitude que prejudique qualquer estudante. Existem mais contribuições quando se superam os desafios em conjunto, do que quando segregamos e destinamos alguns estudantes a salas especiais, estar junto representa na educação e na escola um benefício mútuo.

Infelizmente, muitos professores focam a educação especial inclusiva como um trabalho extra, um fardo a mais para se carregar durante o ano letivo. O medo do diferente, do novo, se encontra também em explorar metodologias diferenciadas, tornando a sala de aula numa fôrma que consolida o sucesso de alguns e exclui e oprime outra parcela da comunidade estudantil que:

Montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino regular e especial, os professores especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças. A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar para produzir a reviravolta que a inclusão impõe. (Mantoan, 2003 p.13)

A ideia de um único plano de aula nunca será possível garantir o sucesso e aprendizagem de todos no mesmo tempo ou da mesma forma. O que buscamos refletir é se realmente a escola se encontra comprometida com o projeto de inclusão proposto por instâncias maiores, ao mesmo tempo em que me pergunto se tais instâncias também estão fazendo sua parte.

² Fonte: <https://cadeiravoadora.com.br/nao-ao-pl-6-159-2019-desmonte-da-lei-de-cotas/inclusao-exclusao-segregacao-integracao>

O modelo rápido, massificado que traduz estudantes a números e códigos não permite aos estudantes que aprendem de diferentes maneiras se enquadrarem no esperado, construindo assim, novas barreiras para serem incluídos. Precisamos, portanto, inovar em metodologias que contemplem as diferenças e não criem uma falsa ideia de que todos aprendemos no mesmo ritmo e da mesma forma.

O cenário escolar, por mais que se compreenda como inclusivo, ainda espera que sempre se tenha o apoio de classe (cuidador ou acompanhante) e esgota aí a intenção de inclusão. Planos individualizados e métodos inovadores que acolham a todos podem e devem ser vislumbrados por meio do currículo. É espetacular também o que se pode fazer de modo sustentável, reutilizando materiais para se alcançar objetivos pedagógicos. A inclusão é um processo contínuo e que não se destina apenas a escola, por isso é importante compreendermos que não é só sobre aprendizagem ou escolarização.

Não podemos ignorar o fato de que estávamos/estamos vivendo uma pandemia há cerca de três anos atrás. O que causou impactos no modo de nos fazermos presente na escola, nos relacionarmos com o outro e distanciou mais ainda muitas pessoas por conta de não terem acesso às tecnologias para acompanhar as aulas e realizar os estudos.

A partir deste trajeto, chegando à pandemia, é possível perceber mudanças na forma de nos aproximarmos dos sujeitos, todos retornamos à escola com receios acerca dos modos de se prevenir do vírus da Covid-19³, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.) e suas mutações. Para uma criança com TEA, em especial a aluna que acompanhei, o uso da máscara representava um desconforto, o álcool afeta sua sensibilidade, a partir daí fomos criando meios alternativos e possíveis de se pensar um ambiente escolar mais digno para todos. Além de compreender como o termo inclusão não se esvazia em determinados indivíduos e diz respeito a todos e todas, pois:

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa auto-estima resultante da exclusão escolar e da social — alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os seus sentidos. Esses alunos são sobejamente conhecidos das escolas, pois repetem as suas séries várias vezes, são expulsos, evadem e ainda são rotulados como mal nascidos e com hábitos que fogem ao protótipo da educação formal. (Mantoan, 2003, p. 18)

As barreiras criadas muitas vezes não passam de estereotípias, podemos perceber que se baseiam muitas vezes apenas nos laudos das pessoas com deficiência e/ou transtorno, porém o problema está dizendo respeito à forma que a escola acolhe as singularidades, do que resumir o

³ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2

fracasso escolar ao indivíduo em função desse/dessa não acompanhar o conteúdo, não obstante:

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa auto-estima resultante da exclusão escolar e da social –alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os seus sentidos. (Idem, 2003, p.18)

Percebemos por meio do pensamento de Mantoan (2003 ; 2013), que existe uma dupla violência sobre a pessoa com deficiência, na sociedade e na escola. Primeiro pela desigualdade social, forjados ao longo da história, onde pessoas com deficiência ou transtornos eram vistas como incapazes diante dos ditos normais. E segundo, dentro da escola onde se reforça tais estereótipos, contribuindo para o fracasso escolar. Pensando acerca de como singularizamos as diversas expressões de vida, busco também através da nossa escrita não cair em conceitos fechados ou descriminalizantes ou generalizantes.

5 A EXPERIÊNCIA DE SER UM CUIDADOR

Ainda antes do nosso primeiro contato com a estudante Estrela (03 anos de idade) chegaram até nós inúmeras descrições acerca do seu comportamento, que relataram que ela entrava na escola gritando, não conseguia ficar dentro da sala, empurrava os colegas, fugia da sala de aula para o parquinho. Avaliamos que a descrição era bastante comum no cotidiano escolar na educação infantil, mas, professores e gestores, insistiram que seu comportamento era “diferente”. No entanto, essas avaliações causaram em nós aflição, pois conhecer alguém por terceiros, e ainda mais, por meio de descrições anunciando que a Estrela não possuía um comportamento “normal”.

Nossos primeiros escritos no caderno, em março de 2022, evidenciaram que o conteúdo escolar a ser tratado com a Estrela não seria, inicialmente, o foco do nosso fazer pedagógico, pois existiam necessidades mais urgentes, como por exemplo, ajuda-lá a adquirir autonomia.

De imediato buscamos, via internet, material pedagógico voltado à estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), que desse orientação sobre estratégias acerca de como nos aproximarmos de crianças com essa especificidade educacional.

Para tanto, buscamos esquecer todas as pré noções e estereótipos que ouvimos sobre a Estrela, que chegaram até mim antes mesmo de manter contato com ela. Decidimos, portanto, conhecê-la integralmente e cada dia descobrir algo, deixar a novidade nos surpreender e nos encantar através da sua forma única de ser e estar no mundo.

É comum nos apresentarem o laudo antes mesmo de nos apresentarem à pessoa, o destaque fica então nas apreensões e no estranhamento, lembrando que o Autismo é compreendido com um

espectro, portanto, que existe uma diversidade em cada pessoa autista. O trabalho se torna então individual e varia de criança para criança, de modo que decidimos valorizar mais a estudante do que o laudo médico propriamente de TEA.

De início avaliamos que precisávamos conhecê-la o máximo possível para criar um programa/currículo que pudesse funcionar e fosse eficaz, mas para isso seria necessário saber suas características singulares, suas preferências, sentimentos e identidade. Ter na nossa formação acadêmica (UNILAB) a disciplina de Fundamentos da Educação especial e Inclusiva, me aproximou mais ainda dos marcos históricos desta temática, como, por exemplo, o Tratados de Salamanca (1994), a criação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) (2015), Declaração mundial sobre educação para todos (1990) dentre outros documentos.

A seguir apresentamos alguns temas centrais desta nossa experiência junto ao processo de atuar como cuidador de Estrela, tendo sempre como foco sua autonomia e em conjunto sua aprendizagem, simultaneamente fez-se necessário ensinar previamente habilidades básicas, que pode ser aqui compreendida como este esquema a seguir: Sentar - treinar o foco e atenção - compreender cada espaço escolar - suprir suas demandas pessoais - conduzir o ensino e aprendizagem. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de 2017, define o conceito de competência:

como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza.”. (Bncc, 2017)

5.1 Temática 1 - Brincar

Decidimos focar no nosso planejamento diário, para isso precisamos primeiro adentrar no seu universo e tentar observar através dos seus olhos, buscar seu olhar se tornou nossa brincadeira inicial durante todo o mês de março/2022. Desta forma, os planos diários que utilizamos como roteiro para nossas manhãs, tiveram como meta observá-la desde a sua entrada na sala de aula, e assim, buscar o seu olhar.

Sobre essa situação, segue logo abaixo nossos escritos no caderno de campo, em 29 de março de 2022:

Não se expressa com clareza, nem por meio da fala. É possível identificar pela expressão facial o seu humor. Quando quer algo tenta de todas as formas alcançar. Hoje foi um biscoito recheado de sabor chocolate. Fica na sala de aula por um tempo considerável, saindo esporadicamente principalmente se perceber que não tem ninguém na porta. Bateu no seu próprio rosto, inúmeras vezes, não está lidando bem com limites e rotinas, por isso avanço de forma lenta, observo mais que faço intervenções para poder conhecer seus comportamentos. Cobre as orelhas com sons específicos que ainda estou tentando identificar, isso conta como estereotípias. Depois de um tempo com poucas intervenções chamou pelo

nome “mamãe” na hora do lanche demonstrou pouca autonomia e organização, suja os dedos e a mesa, assim como sua roupa. Não tomou água e nem quis lavar as mãos e boca, tive que recorrer ao álcool em gel para uma mínima higienização. Brincou próximo aos colegas, mas não especificamente com ninguém. (Emanuel, 29/03/2023)

O brincar foi ganhando assim mais valor até percebermos que ela era incompreendida e também que ninguém ainda tinha apresentado a escola para ela, daí cabe a reflexão: *Como se mover/interagir num espaço desconhecido?*

Depois de algum tempo próximos a Estrela, obtivemos dados suficientes para montar uma abordagem que esperávamos ser eficaz. A nossa rotina ganhou delineados onde o brincar se tornou um apoio de mão dupla, ao mesmo tempo que reforçava os conteúdos, reforçava sua satisfação de ir à escola. Não subestimamos o poder de uma brincadeira com objetivos e intenções, por exemplo, o choro, o grito e as fugas da sala de aula representava que ali dentro a atenção era mínima e a satisfação de estar/interagir era pouca. Entre uma brincadeira e outra foi possível construir/criar/fantasiar contextos e situações que possibilitaram a aprendizagem, e aos poucos fomos experimentando uma rotina mais consolidada.

Em conversas com a mãe de Estrela, tomei conhecimento que ela interagia com a casa. Mas por outro lado, ela parecia não conhecer a escola, pois manifestava necessidade de atenção constante, retirando sua autonomia nos espaços até então desconhecidos. Assim, passamos a apresentar para ela os objetos da sala, desse modo, ela tocava ... tirava a mão ... observava e quanto mais ganhava confiança em nós, mais ela ficava à vontade a experimentar e parecia que surgia uma coragem de dentro dela.

Ressaltamos que um dos pontos que impossibilitaram sua permanência integral dentro de sala de aula era porque alguns estímulos ainda causavam *Asco*, ou seja, “A incapacidade de tolerar o toque leve é uma característica típica do autismo é um dos muitos sintomas desconcertantes.” (PROGEME, 2023)

E após algumas leituras de textos especializado em TEA tomamos conhecimento que a sensibilidade era algo que afetava o conforto de uma criança autista, não porque ela não gostasse, e sim, porque tivera poucas oportunidade para experimentar aquelas sensações. De modo que transformamos o parquinho em um campo de sensações. Veja a imagem abaixo.

IMAGEM 2 - NO PARQUINHO



Figura 1. Fonte: Arquivo pessoal

5.2 Temática 2 - Campo de sensações

Antes de irmos a sala de aula passeávamos, nós e Estrela, pelo parquinho para experimentar diferentes cheiros, texturas, cores, luzes, e assim, tentar que conseguisse superar aos poucos alguns desconfortos. Esse momento se transformou num trajeto que a acalmava e ao mesmo tempo trabalhávamos suas sensibilidades desde a entrada até a sala, dentre os locais visitados tinha o pula pula, casinha de pneus, cheirava folhas de boldo, capim santo e malvarisco.

Considerando que Estrela adorava se movimentar, levá-la a sala de aula sem antes brincarmos, dificultava sua permanência na sala de aula. Ressaltamos que a realização dessas atividades tiveram como objetivo a criação de momento em que Estrela pudesse realizar atividades simples como sentar na sala de aula, se alimentar, pintar uma atividade. dentre outras e sentar representa na vida dela mais organização na hora da alimentação, andar de transporte público, aguardar sua vez de ser atendida em hospitais ou em outros espaços.

Em algumas ocasiões não conseguimos ir ao parque, mas da frente da sala contemplamos o jardim e tudo se transformava em uma brincadeira. Antes de entrar na sala de aula, passávamos 40 minutos no parque, tendo como ação o brincar com areia, pedras, sentir os troncos das árvores, a borracha do pula-pula, observar a luz do sol e observar a vida animal no jardim. Ações que foram sendo transformadas em conteúdos escolares sempre colocando sua autonomia de Estrela em evidência, e assim focando no desenvolvimento de habilidades básicas simultaneamente. Ela subia na casinha de pneus e surpreendia a todos pelo seu ótimo equilíbrio e desenvoltura com brinquedos que requer força dos membros superiores. Sem deixar de dizer que ela ficava extremamente à vontade entre um brinquedo e outro.

Fizemos um “espaço” em frente a sala de aula, de modo que ela conseguisse visualizar e escutar o que ocorria lá fora. Nesse espaço colocamos sobre algumas mesas alguns brinquedos que ela gostava. Nesses momentos pegávamos algum bichinho (inseto) no jardim e começamos a observação,

de modo que sempre lhe questionava: *Quantas patas ele tem? Ele tem pelos? O que ele come? Qual a cor?* Apesar de Estrela não falar mas apenas balbuciar, não deixávamos de conversar com ela, ler histórias e cantar músicas. Como fruto deste momento, posteriormente, ela chegou a pronunciar a palavra mamãe, de modo que enviamos para a mãe dela um vídeo, de modo que pudesse ver e ouvir a filha falando. Importante, assim destacar que: “A comunicação verbal para as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grande desafio. Elas podem demorar para desenvolver a fala, não falar ou ter dificuldades para compreender a linguagem falada.” Quanto ao conceito de ecolalia “é definida como a repetição de sons, palavras ou frases. Algo que ocorre também a crianças com sintomas autísticos.” (Dib, 2018, p. 213)

Sobre essa situação, segue logo abaixo nossos escritos do caderno de campo, em 06 de abril de 2022:

Caderno de campo - 06/04/22

Aguardando Estrela chegar.

No dia de hoje iniciaremos o plano de ação 3.1 sobre as partes do corpo.

Alguns aspectos a serem trabalhados:

Sentar junto dos colegas na mesa, reconhecer as cadeiras de sentar e apoiar a mochila, além do espaço das professoras da auxiliar. Levantar e retornar a sua cadeira, puxar para sentar, sentar de forma adequada.

Identificar locais e objetos: Mesa da professora, Pia, Parque. Sala de aula. Corredor, Cadeiras, Caixa de brinquedos, Chinelo (manter no pé), Ventilador, Objetos de confiança. (Perfume, acendedor)

Estimular a realização de atividades: Segurar o lápis de cor, giz de cera, pincel

Reconhecer as letras do seu nome (não foi satisfatório)

Reconhecer as partes do corpo. (Emanuel, 29/03/2023)

A partir do momento em que fomos superando algumas sensibilidades que a atrapalhava chegar a sala de aula, fomos percebendo que estar dentro da sala de aula e receber uma educação conteudista seria ainda encarada como algo sem valor, pois ela ainda não dava as devolutivas que a escola espera receber, mas como convivemos e dividimos o cotidiano, sabíamos analisar seus avanços. Portanto, enquanto estudante de Pedagogia organizamos nosso planejamento de aula de modo a auxiliá-la a melhorar sua autonomia dentro da escola.

E assim, passamos inicialmente a visitar os diferentes espaços, sempre com um tom de brincadeira, por exemplo, lavar as mãos ao som de com uma canção “uma lava outra, lava uma mão lava outra...”⁴.

5.3 - Temática 3 - Chama o carinho/carrinho

⁴ Cantada Oficial. Lavar as mãos, You tube, 22 de setembro de 2014 Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=CaTXgmHyMSk> . acesso em: 02/11/2023),

Posteriormente, passamos a focar na relação de Estrela com os colegas de sala, isso porque era comum ela empurrar, beliscar e tomar as coisas da mão de outros colegas. Cabendo destacar que, segundo Vila, Diogo e Sequeira (2009, p. 04) ao tratar do Autismo e da Síndrome de Asperger dizem: “As crianças autista podem ter pouco interesse ou nenhum em estabelecer amizades. Os mais velhos podem ter interesse pela amizade mas falta-lhes a compreensão das convenções na interação social.”. Em certa medida esses comportamentos de Estrela foram sendo evidenciados, e sempre dizíamos para ela que não empurrasse o colega, não beliscasse ou mesmo não tomasse os objetos dos colegas, mas usasse de carinho. Mas como já era esperado, ela nem sempre atendia aos nossos apelos.

Visitávamos o jardim sempre que necessário, sempre acreditamos que Estrela compreendia, em certa medida, as nossas conversas e entre uma risada e outra, ou mesmo que eu a estivesse repreendendo por empurrar um colega íamos nos comunicando. O jardim se tornou nosso espaço de ficar tranquilo e de ouvir uma boa história, mesmo que ela aparentasse não prestar a atenção, insistimos em fazê-la ouvir histórias simples e mais complexas, poemas e músicas. Chegávamos a realizar pequenas coreografias, e assim, como se ela fosse um fantoche, e em pouco tempo ela já fazia alguns movimentos sem minha ajuda. Mas por vez, ela tinha manifestações agudas, pois se agitava em função de algo, mas o jardim tornou-se o anexo ao ar livre da sala, um ótimo lugar para sair dessas crises de manifestações agudas, entendendo que as:

Manifestações agudas podem ocorrer e, frequentemente, o que conseguimos observar são sintomas de agitação e/ou agressividade, podendo haver auto ou heteroagressividade. Estas manifestações ocorrem por diversos motivos, como dificuldade em comunicar algo que gostaria, alguma dor, algum incômodo sensorial, entre outros. (Brasil, Ministério da Saúde, 2023)

Situação que ocorria regularmente quando ela não conseguia pegar um determinado carrinho que outro colega levava para a escola, contudo, ela sempre se agitava e chorava com intensidade. Tal situação foi alvo de debate e polêmica na escola, de modo foi solicitado que as famílias não enviassem brinquedos para a escola. Por algumas quando esse tipo de situação ocorria a docente da sala de aula de Estrela oferecia a ela um carrinho semelhante ao que do colega e que ela tinha gostava de brincar, porém surgia outra problemática na hora da devolução, pois descobrimos que pior que não ter, o bendito carrinho, era ela não querer mais soltar depois que tinha um em sua posse.

Toda essa agitação em função do carrinho acabava tirando seu foco das atividades que vínhamos realizando, e assim, perdíamos o foco do contexto educativo, pois quando as manifestações agudas surgiram, ela se jogava no chão, e somente não se machucava porque estávamos por perto. Por fim, para evitarmos que Estrela tivesse essas manifestações agudas, deliberamos, nós e a professora que não teríamos mais o uso de carrinhos na sala de aula.

Sobre essa situação, segue logo abaixo nossos escritos do Caderno de Campo, em 19 de maio

de

2022:

Atividades de classe, em 19 de maio de 2022.

As vezes é receptiva a tinta (apenas uma vez, em todos os outros momentos ficou irritada), chora e não quer de forma alguma. Dependendo do dia e do seu humor, trabalhamos o painel sensorial. Demos uma parada nos planos diários para pensar o ambiente:

Como tornar a rotina mais agradável?

Sentar próximo a sala antes de entrar para ela se acostumar com os sons, criar um ambiente de movimento livre para auto regulação, deixar alguns objetos didáticos: brinquedos, painel sensorial, tinta lápis, livros. (Emanuel, em 19/05/2022)

De modo a trabalhar o desenvolvimento de habilidades de Estrela, no campo da leitura passamos a fazer uso do tema geral do conteúdo do dia ou da semana com foco no letramento, ou seja, fazendo uso da leitura e da escrita nos mais diversos contextos sociais. Segundo Magda Soares (2012) o Letramento, ou seja: “literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (SOARES, 2012, p. 17)

Dessa forma, sempre abordamos o conteúdo curricular por meio da contação de histórias, exposição de gêneros textuais diferentes, situações sociais junto o uso de imagens, pois as ilustrações chamavam cada vez mais a atenção de Estrela.

Importante ressaltar que passamos a utilizar materiais concretos, como por exemplo: letras tridimensionais, dobraduras, formas geométricas, carimbos, dentre outros objetos. Em meio ao conteúdo, Estrela começou a utilizar/evidenciar habilidades aprendidas em outros contextos, como, por exemplo, sentar-se próximo a nós para escutar história, e assim permanecer sentada por algum tempo com seus colegas de sala. Aos poucos foi também comendo de forma mais adequada, porém a comida oferecida pela família era de baixa qualidade, que em geral era suco e biscoito industrializado. Nesse sentido, se faz necessário entender que:

Alguns alimentos podem não agradar as crianças do espectro autista, ocasionando um padrão alimentar e uma maior dificuldade na inserção de novos alimentos nas dietas. Assim, o grande desafio de manter uma alimentação saudável e variada em crianças com TEA é a restrição que elas costumam ter em relação a diversas comidas. (<https://scioeducation.com/artigos/tea-e-alimentacao-transtornos-alimentares-em-criancas-do-espectro-autista/>)

Muitas demandas foram supridas ao longo desses dois anos no acompanhamento direto de Estrela, juntos enfrentamos o cotidiano escolar garantindo sua livre expressão e interação com o espaço, é perceptível que crianças e adultos se beneficiam mutuamente, inclusive amplia o repertório de professoras, ganhando um fazer pedagógico mais rico, garantindo uma feliz e efetiva associação dos conteúdos os relatos anteriores trazem um pouco do nosso cotidiano juntos na escola.

6 CONCLUSÕES

Este trabalho se baseou na análise dos relatos e de suas contribuições para com o nosso processo formativo junto ao curso de Pedagogia da Unilab. A partir da experiência de conviver dentro da escola e dentro da educação infantil, com uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), nos permitiu compreender que qualquer mudança na legislação afeta e pode transformar o cotidiano escolar.

Dessa forma, a inclusão escolar de estudantes com Deficiência e/ou transtornos é um processo que não tem fim, pois acompanha as transformações da sociedade, a partir das novas demandas geracionais, de modo a surgirem novas metodologias de ensino.

Ressalto, portanto, que o curso de pedagogia da Unilab nos possibilitou conhecimento sobre alguma temática e tiveram contribuições junto ao exercício da docência, como por exemplo: direitos humanos, políticas públicas, didática e educação especial inclusiva, dentre outras temáticas.

A partir da nossa formação em Pedagogia e a da experiência na escola, nos levaram a entender sobre a importância do diagnóstico/laudo médico e intervenção precoce junto aos estudantes com TEA, de modo a estimular esse estudante a interagir com/na vida escolar.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em:

https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/Content/uploads/20162317410_FINAL_SANCIONADALei_Brasileira_de_Inclusao_06julho2015.pdf Acesso: 3 set. 2023.

_____. Ministério da Saúde. Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança.

Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/> Acesso em: 01 set. 2023.

_____. Base Nacional Curricular Comum (BNCC). 2017. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a->

base#:~:text=O%20que%20s%C3%A3o%20compet%C3%Aancias%3F,e%20do%20mundo%20do%20trabalho. Acesso: 10 nov. 2023.

_____.L. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso: 12 out. 2023

DECODIFICANDO a hipersensibilidade ao toque no Transtorno do Espectro do Autismo. Programa

Genoma e Neurodesenvolvimento. Disponível em: <https://progene.ib.usp.br/?p=266> Acesso: 12 set. 2023.

DIB, Mônica Camasmie. A procura de uma intenção comunicativa na ecolalia - Estudo de um caso. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v51n94/v51n94a17.pdf> Acesso: 03 out. 2023.

FONSECA, Vitor da. Educação especial: programa de estimulação precoce –uma introdução às ideias de Feuerstein/Vitor da Fonseca – 2. Ed. Ver. Aumentada – Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 1995.

HEIDRICH, Regina de Oliveira. Desafios para a inclusão no Brasil. In; Diversidade Cultural e inclusão social [recurso eletrônico] / Organizadores Gustavo Roeser Sanfelice, Patricia Scherer Bassani. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2020. 97 p, [3] ; il ; 21 cm.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e sentido.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? / Maria Teresa Eglér Mantoan. São Paulo : Moderna , 2003. (Coleção cotidiano escolar)

_____. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 32, núm. 2, 2007, pp. 319-326 Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, RS, Brasil

_____. Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? / São Paulo : Moderna , 2003. (Coleção cotidiano escolar)

PEREIRA, Lara Rodrigues. ;SILVA, Carolina Ribeiro Cardoso da.; HOBOLD, Márcia de Souza. A narrativa (auto)biográfica na pesquisa de formação de professores: conceitos essenciais e possibilidades metodológicas. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3900> Acesso: 18 set. 2023.

TEA e a alimentação: transtornos alimentares em crianças do espectro autista. Publicado por Scioeducation Disponível em: <https://scioeducation.com/artigos/tea-e-alimentacao-transtornos-alimentares-em-criancas-do-espectro-autista/> Acesso 05 fev. 2024.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOUZA, Elizeu C.; CORDEIRO, Verbena M. R. Por entre escritas, diários e registros de formação. Presente! Revista de Educação, [S.l.], n. 57, jun., p. 45-49, 2007.

VILA Carlos.; DIOGO, Sandra.; SEQUEIRA, Sara. Autismo e Síndrome de Asperger . Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0140.pdf> Acesso em: 13 set. 2023.

Palavra Cantada Oficial. Lavar as mãos, You tube, 22 de setembro de 2014 Disponível em :
<https://www.youtube.com/watch?v=CaTXgmHyMSk> . acesso em: 02/11/202

